

LUCÍOLA: O DIÁLOGO ENTRE CORTESÃS

Eneida Maria de Souza

UFMG-Let

MARCO, Valéria de. *O império da corte*
São Paulo, Martins Fontes, 1986.

Durante o leilão, o narrador de *A dama das camélias* arre-mata o volume de *Manon Lescault*, numa “encadernação perfeita e folhas douradas”, mostrando seu interesse pelas “frestas da intimidade” do mundo de Margarida Gautier, ao invés de se preocupar com seus objetos luxuosos. O leilão é uma das formas de inserir o romance de Prévost no texto de Dumas Filho, criando-se, através dessa metáfora, o diálogo entre cortesãs e o comércio “amoroso” entre textos. Esta é a tônica do livro de Valéria de Marco, *O império da cortesã*, que vem completar a bibliografia existente sobre Alencar, desta vez com um estudo interessante e inédito sobre *Lucíola*, cujo perfil é delineado a partir de fragmentos retirados de outras cortesãs literárias.

Escrito originalmente para obtenção do título de Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada na USP, a atual versão em livro não traz a marca de um discurso acadêmico, nos oferecendo, ao contrário, um texto que tem a vantagem de ser claro, elegante e preciso, o que aumenta seu fascínio e o teor de legibilidade.

Ao analisar *Lucíola* enquanto proposta concreta de romance nacional, levando-se em conta o diálogo com outros aspectos da obra alencariana e com a literatura estrangeira, a ensaísta realiza uma pesquisa minuciosa da produção crítica de Alencar, principalmente quando discute a questão de dependência cultural e seu projeto de consolidação de uma literatura nacional. Privilegiando-se uma literatura que se funda na personagem feminina, o texto de Valéria de Marco tem o mérito

de melhor situar nossa cortesã frente a seus modelos literários, contribuindo grandemente para as pesquisas de Literatura Comparada e da questão do feminino na Literatura. A escolha de tal enfoque coincide com uma das atuais preocupações dos estudos literários, centrada na investigação de hipóteses intertextuais entre cultura e no caráter específico da recepção de modelos. Sem pretender apenas elucidar o elo de filiação entre obras, pela delimitação de “fontes” e “influências”, tem-se o desvio do caminho positivista e redutor e a opção por situar, historicamente, os romances na tradição, sem cair na armadilha historicista.

Carece de sentido imaginarmos uma obra desprovida de qualquer traço de outra cultura, na ilusão de estarmos contribuindo para um novo (e exclusivo) “modelo” de Literatura Brasileira. Ao invés de se negar a dívida para com outras manifestações culturais, verifica-se, atualmente, um confesso compromisso do autor com suas leituras. Embora essa dívida não esteja ainda totalmente assumida, a tendência é a declaração das preferências literárias (ou afins), no lugar de se partir em defesa de uma expressão artística original, destituída de qualquer traço alheio. E Alencar já nos dera o exemplo, incluindo no seu projeto criador o diálogo com a literatura européia (e para utilizar um termo do século XX, a relação *intertextual*), declarando-se leitor confesso de Dumas Filho, Balzac entre outros.

Guiada por uma clara proposta analítica, a autora examina o material escolhido a partir da análise do contexto social de cada obra e da técnica narrativa, que irá contribuir para a diferenciação dos textos. O trabalho de Valéria de Marco, dividido em três partes, enfoca, inicialmente, a produção crítica de Alencar (ensaios, prefácios, posfácios), apontando o vínculo entre criação e projeto literário. Na segunda parte, “O perfil da cortesã”, estuda os romances que entram em relação com *Lucíola*, como *Moll Flanders*, *Manon Lescault* e *A dama das camélias*, historicizando o gênero romance, através de oportuna reconstituição temporal. “*Lucíola*: a cortesã do Império”, terceira parte do livro, completa o ciclo das cortesãs, iniciado nas páginas precedentes, pela apresentação do desejo de Alencar em “racionalizar o tema da regeneração da mulher perdida” e levar a termo uma “reflexão sobre as relações entre literatura nacional e estrangeira”.

No exame da produção crítica do autor, a ensaísta privilegia a reflexão sobre o projeto de um romance nacional, constatando que, para Alencar, a importação de idéias e modelos viria a ser o constituinte básico da realidade literária do Império. O questionamento da tradição cultural é responsável pela posição do autor como consolidadora do romance brasileiro, sustentado por um desejo de mestiçagem cultural, social e lingüística.

No entanto, cabe-me fazer uma ressalva ao trabalho de Valéria de Marco, ao desconsiderar o aspecto polêmico da produção crítica do autor pois, ao lado da intenção de Alencar em interpretar e sistematizar sua obra, verifica-se outra leitura que vem justamente apontar suas limitações ideológicas. Faltou, nesta primeira parte, um exame mais vertical dos textos, o que possibilitaria um estudo mais voltado para a enunciação textual do que para a descrição de seu enunciado. É por demais evidente a posição naturalista e impressionista de Alencar ao teorizar sobre o vínculo entre língua e nação, literatura e realidade, como se percebe nestes trechos citados pela autora: “o povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jaboticaba, pode falar uma língua com igual pronúncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a pera, o damasco e a nêspêra?” ou: “É nas trovas populares que sente-se mais viva a ingênua alma de uma nação”.

Interessante ressaltar a exploração semântica da metáfora familiar (pai e filho) para designar o autor e o livro, fornecendo dados para se interpretar a produção paratextual de Alencar como reguladora de recepção, em que a paternidade dos textos é claramente assumida, preocupando-se o autor com a “sorte dos seus filhos”. Esse desejo de sempre cercar o texto com explicações prévias ou notas de pé de página — o autor acompanhando os passos do leitor no alto e no baixo da página — não revelaria uma enunciação oculta e inconsciente? Refletir sobre essa enunciação enriqueceria grandemente o trabalho de Valéria de Marco, alargando assim o horizonte teórico de Alencar, centrado na importação e ruptura de modelos, visto agora como atitude parricida (ou não) do filho face ao texto paterno (Remetemos o leitor para o estudo pioneiro da metáfora familiar em Alencar feito por Silvano Santiago na edição crítica de *Iracema* (F. Alves, 1977)).

A caracterização do espaço interno de circulação da cortesã obedece ao estudo da economia da narrativa que se conjuga à metáfora econômica da sociedade. Configura-se então a imagem social da mulher como mercadoria do prazer, signo que circula enquanto instrumento de troca. A autora explora muito bem o caráter de representação deste cenário social, seja através da dramaticidade criada pelo diálogo ou os protocolos de enunciação — entrada e saída de cena das personagens, marcações teatrais e estratégias enunciativas. A essa perfeita reconstituição histórica e estrutural da narrativa, o livro ressalta não apenas os recursos textuais que desempenham uma função centrífuga (o leilão, em *A dama das camélias*, por exemplo) como a observação de pequenos detalhes, os componentes acessórios na narrativa (a descrição das roupas, os presentes que Paulo dá a Lúcia, em *Lucíola*), que são também significativos para a compreensão textual.

Destaca-se ainda a descrição do cenário histórico do século XIX europeu (“tempo em que o romance-folhetim e as decisões políticas estampavam-se nos jornais cotidianos”), tentando situar o leitor naquele contexto. Mostrando-se fiel à reconstituição dessa época, Valéria consegue reunir a proposta geral do livro (a recepção da literatura romântica) com o objetivo alcançado: a preocupação com o leitor.

Na análise de *Lucíola*, as crônicas de Alencar servirão de pano de fundo para a reconstituição da memória do Rio de Janeiro e para a caracterização do cenário mundano do romance. Entre os exemplos, o especial destaque para a descrição da rua do Ouvidor, com suas “novidades chegadas da Europa”, onde “Paulo vai procurar um presente para a cortesã”. Pretende-se assim trazer até o leitor moderno, não apenas o clima mundano vivido pela cortesã, mas a retratação do cotidiano carioca realizado pelo texto de Alencar. Felizmente, tem sido objeto de crítica a preocupação com os aspectos esquecidos do cotidiano, vistos ultimamente como matéria de pouca importância para estudo. O interesse em trabalhos dessa natureza norteia *O império da cortesã*, que se revela ainda simpático à reflexão sobre a personagem feminina. Conquista-se um espaço de questionamento e, o que é mais louvável, uma linguagem que, mantendo-se mais próxima do objeto de estudo, traz a marca pessoal da autora, distanciando-se, portanto, de uma expressão acadêmica e neutra.

Gilda de Mello e Sousa, em entrevista concedida ao *Jornal do Brasil*, justifica a escolha do tema da moda na realização de sua tese, defendida em 1950 e transformada, recentemente, em livro, *O espírito das roupas*: “Não queria fazer uma tese de homem. Até uma certa paixão que ela contém é paixão de minoria reprimida, a mulher de então.” Ao traçar um perfil inteligente da cortesã literária do século passado, o livro de Valéria de Marco reacende essa paixão pela pesquisa que trata, exatamente, de temas que nos dizem respeito.